

Cenas do Fausto de Goethe

CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS
ORQUESTRÁ SINFÓNICA PORTUGUESA



© FAUSTO E MEPHISTOPHELES, EUGÈNE DELACROIX,
1827-1828, THE WALLACE COLLECTION

ROBERT SCHUMANN

25 JAN • 18H30

Teatro Camões,
Lisboa

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
Teatro Nacional de São Carlos

Cenas do *Fausto* de Goethe

Robert Schumann (1844-1853)

Cenas do «Fausto» de Goethe

Duração: c. 2h

Abertura

Primeira Parte

1 – Cena no Jardim

2 – Margarida diante
da imagem da Mater Dolorosa

3 – Na Catedral

Segunda Parte

4 – Ariel, crepúsculo

5 – Meia-noite

6 – Morte de Fausto

Intervalo (20 min.)

Terceira Parte

Transfiguração de Fausto

1 – Coro e Eco

2 – Tenor solo (*Pater Ecstaticus*)

3 – Baixo solo (*Pater Profundus*)

4 – Coro

5 – Barítono solo (*Doctor Marianus*)

6 – Barítono solo e Coro

7 – Chorus *Mysticus*

Graeme Jenkins *Direção musical*

Sopranos Ana Quintans, Bárbara Barradas,
Mariana Sousa

Altos Inês Constantino, Carolina Figueiredo

Tenores Leonel Pinheiro, Bruno Almeida,
Sérgio Martins

Baixos André Baleiro, Tristan Hambleton,
José Corvelo

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Maestro titular Giampaolo Vessella

Orquestra Sinfónica Portuguesa



Travessias

A propósito de cada eixo programático, reservamos espaço para uma Travessia que se inicia na música e desagua noutras áreas do conhecimento. Nesta conversa prévia ao

espetáculo, lançamos pistas para uma melhor compreensão do concerto e convidamos à reflexão sobre o nosso tempo.

A propósito do Mito de Fausto

Pouco interessa qual a origem de Fausto, se real ou se ficção. O que é certo é que se tornou numa das mais prolíficas personagens da nossa arte e pensamento. O invulgar papel que ocupou na vida e obra de Goethe foi um fator decisivo para a importância que assumiu para a posteridade. Mas não foi só através de Goethe, e muito menos só na literatura, que o seu fascínio se manifestou. Invadiu pintura, música

e, mais tarde, inspirou frequentemente obras cinematográficas.

Quis o acaso que, nesta temporada, à 8.^a Sinfonia de Mahler se seguissem as *Cenas do Fausto* de Schumann. Daí nasceu a ideia de percorrer as variadíssimas formas musicais que o Fausto tomou no decurso dos tempos.

Edward Ayres de Abreu, *Musicólogo*
José Pedro Serra, *Filósofo e Professor Catedrático*
Andrea Lupi, *Moderadora*

Cenas do Fausto de Goethe

Primeira Parte

N.º 1 Cena no Jardim

Margarida: Ana Quintans

Marta: Inês Constantino

Fausto: André Baleiro

Mefistófeles: Tristan Hambleton

N.º 2 Margarida diante da Imagem da Mater Dolorosa

Margarida: Ana Quintans

N.º 3 Na Catedral

Margarida: Ana Quintans

Espírito Mau: Tristan Hambleton

Segunda Parte

N.º 4 Ariel, Crepúsculo

Ariel: Leonel Pinheiro

Fausto: André Baleiro

Soprano I: Bárbara Barradas

Soprano II: Mariana Sousa

Alto: Carolina Figueiredo

Tenor I: Bruno Almeida

Tenor II: Sérgio Martins

Baixo: José Corvelo

N.º 5 Meia-noite

Fausto: André Baleiro

Inquietação: Bárbara Barradas

Miséria: Mariana Sousa

Penúria: Inês Constantino

Culpa: Carolina Figueiredo

N.º 6 Morte de Fausto

Fausto: André Baleiro

Mefistófeles: Tristan Hambleton

Terceira Parte ***Transfiguração de Fausto***

N.º 1 Coro e Eco

N.º 2

Pater Ecstaticus: Leonel Pinheiro

N.º 3

Pater Profundus: José Corvelo

Pater Seraphicus: Tristan Hambleton

*Meninos Bem-aventurados: Mariana
Sousa, Inês Constantino*

N.º 4

Soprano: Bárbara Barradas

Alto: Carolina Figueiredo

Tenor: Bruno Almeida

Baixo: José Corvelo

*Meninos Bem-aventurados: Bárbara
Barradas, Mariana Sousa, Inês
Constantino, Carolina Figueiredo*

N.º 5

Doctor Marianus: André Baleiro

N.º 6

Doctor Marianus: André Baleiro

Baixo: José Corvelo

*Penitentes: Ana Quintans, Bárbara
Barradas, Mariana Sousa, Carolina
Figueiredo, Inês Constantino*

Magna Peccatrix: Mariana Sousa

Mulier Samaritana: Inês Constantino

Maria Aegyptiaca: Carolina Figueiredo

Una Poenitentium (Margarida):

Ana Quintans

Mater Gloriosa: Carolina Figueiredo

N.º 7 Chorus Mysticus

Soprano I: Ana Quintans

Soprano II: Mariana Sousa

Alto: Inês Constantino

Tenor: Sérgio Martins

Barítono: André Baleiro

Os dois Fausto(s) de Goethe e as escolhas de Robert Schumann

Goethe – 1749/1832
Schumann – 1810/1856

O mito de Fausto tem origem provável na Alemanha do século XV. A origem é atribuída a «um certo Johannes Fust, associado à diabólica invenção da imprensa», como refere George Steiner. Fust morre em 1466. A sua difusão, contudo, acontece no século XVI, com o aparecimento do livro publicado por Johan Spies intitulado *Historia von D. Johann Fausten*, em Frankfurt, no ano de 1587. A obra é traduzida para inglês um ano mais tarde e é a partir dela que Christopher Marlowe escreve a tragédia *Doctor Faustus* pouco antes de morrer, em 1593. Um pacto com o diabo é um motivo suficientemente popular para não ser ignorado pelas várias companhias ambulantes de teatro de fantoches. O primeiro contacto de Goethe com o tema de Fausto dá-se aos seis anos de idade, justamente através de uma destas companhias. Fausto irá permanecer com ele durante toda a sua vida criativa.

Uma primeira versão com o nome *Urfaust* (*Fausto Primitivo* ou *Proto-Fausto*) é escrita entre 1772 e 1775, mas é em 1790 que aparece impressa uma versão intitulada *Fausto, um fragmento* que Goethe depois completa e que dá origem ao *Primeiro Fausto*, terminado em 1806. Já durante a redacção deste *Primeiro Fausto*, o escritor planeia uma segunda parte, como o prova um esboço escrito em 1799 ou 1800, no qual é indicado que a primeira parte deveria mostrar o homem como aquele que procura o «prazer da vida» (*Lebens Genuss*), enquanto a segunda parte se deveria debruçar sobre a procura do «prazer da acção» (*Taten Genuss*) para se elevar ao «prazer da criação» (*Schöpfung Genuss*). Segundo Henri Lichtenberger, este plano para o *Segundo Fausto* seria escrito no mesmo estilo do *Primeiro Fausto*, embora toda a acção se desenrolasse no plano do fantástico. No entanto, é apenas em 1825 que Goethe se decide a escrever a tragédia que conhecemos como o *Segundo Fausto*, começando pelo Acto 3, que evoca Helena de Tróia.

O *Primeiro Fausto* debruça-se sobre a tragédia de Margarida, seduzida por Fausto, mas é simultaneamente muito mais do que isso. O ódio

de Goethe à academia é particularmente visível na relação de Fausto com Wagner, o seu pupilo, mas também, em menor grau, na forma desenvolvida como Mefistófeles se relaciona com Fausto e com Wagner, ridicularizando-o. Essa desenvoltura é notória também na forma como Mefisto trata com Deus. Basta ler as últimas linhas do prólogo no céu para o constatar:

«Apraz-me visitar o grande velho
Às vezes; com tão alto senhor temo
Romper. E até dá gosto vê-lo
Falar tu cá tu lá com o próprio demo.»

A aposta do demo com Deus em como o homem e, conseqüentemente, a alma humana é infirme nos seus propósitos faz com que a primeira parte da tragédia e o episódio de Margarida possam ser lidos como apenas «uma parte» do todo. Ao compararmos a linguagem utilizada por Goethe nas duas tragédias, damos-nos conta de que a primeira é escrita num tom bastante mais acessível do que a segunda. Não há nada nela que seja, para um leitor culto, de difícil acesso ou compreensão, muito pelo contrário, a leitura revela-se empolgante e cheia de humor. Já o *Segundo Fausto* pode colocar problemas devido à forma quase barroca como o discurso está elaborado e devido à necessária erudição que requer do leitor. Mesmo no tempo da sua publicação póstuma, a controvérsia existiu. Mas, se a alegoria desta tragédia se pode revelar difícil, também é verdade que, ao içarmo-nos até este cume, aquilo que avistamos é uma paisagem magnífica.

Cerca de vinte e cinco anos separam o primeiro do segundo *Fausto*. Goethe sente o peso da formidável tarefa que é a conclusão da obra e está prestes a desistir, inserindo o plano do *Segundo Fausto* no décimo oitavo livro de *Poesia e Verdade*. É Eckermann, o seu amigo e confidente, que pressente o enorme valor do que está esboçado e encoraja Goethe a prosseguir com a escrita. Mas a tarefa é difícil e árdua. Goethe sente que já não tem a produtividade da sua juventude ou da meia-idade. Problema similar ocorre com Wagner ao constatar a dificuldade na retoma da tarefa hercúlea da composição do *Anel do Nibelungo* depois de uma

interrupção de vários anos no final do segundo acto de *Siegfried*, para escrever *Tristão e Isolda* e *Os mestres cantores de Nuremberga*. Como Goethe refere a Eckermann em Março de 1828: «Tive uma época na minha vida em que podia exigir-me diariamente e sem esforço uma página para imprimir. Escrevi *Irmão e irmã* em três dias e o meu *Clavigo*, como sabe, em oito dias. Agora tenho que renunciar a feitos deste tipo, apesar de não me poder queixar da minha produtividade. No entanto, aquilo que nos anos de juventude conseguia fazer diariamente e em quaisquer condições, hoje em dia só o faço com intervalos grandes e em condições favoráveis.» Schumann desde sempre se mostrou fascinado pela obra de Goethe. Mesmo antes do ano em que o seu amor por Clara se manifesta na imensa produção de *Lieder* – 1840, o ano do seu casamento –, uma citação de Margarida do *Primeiro Fausto* aparece já na secção intermédia do seu *Intermezzo* Op. 4 para piano, de 1832. A dificuldade aparente do *Segundo Fausto* é talvez o que incita Schumann a começar as suas *Cenas do Fausto de Goethe* justamente pela cena final desta obra – a transfiguração e ascensão de Fausto ao céu por intervenção directa de Margarida. O fascínio por esta cena é explícito numa carta de Schumann a Franz Brendel: «Muitas vezes, tive medo de ouvir as repreensões: qual é a vantagem de escrever música para uma tão perfeita poesia? Por outro lado, desde o momento em que li esta cena, senti que a sua eficácia poderia ser amplificada através da música.» Assim, em 1844, a cena final do *Segundo Fausto* é composta e, em 1849, estreada simultaneamente em Dresden, dirigida pelo compositor, Weimar, dirigida por Liszt, e também em Leipzig, dirigida por Rietz.

Schumann, no entanto, não dá o seu trabalho sobre o Fausto como concluído. Em 1849, volta-se para o *Primeiro Fausto*, compõe a primeira parte da obra – que contém as três cenas iniciais –, assim como o início da segunda parte – a cena de Ariel e dos Elfos. As duas últimas cenas da segunda parte são compostas em 1850, e a abertura apenas em 1853.

Apesar das discrepâncias estilísticas entre a terceira parte e as duas primeiras, nitidamente mais dramáticas, o todo contém uma certa uniformidade, e o tratamento quase operático das duas partes iniciais é totalmente justificado. A influência wagneriana muito clara nelas presente «dilui-se» por momentos na cena de Ariel e basicamente em toda a terceira parte. Aqui, o Schumann melódico dos *Lieder* de 1840 parece clarificar o despertar de Fausto e a sua ascensão.

É interessante constatar a escolha das cenas postas em música por Schumann. Do *Primeiro Fausto*, é a escolha da tragédia de Margarida que o motiva – encontro, remorso e queda, as três primeiras cenas já referidas.

Depois desta tragédia, o espírito de Fausto parece soçobrar e é Goethe quem nos clarifica quanto a isso numa conversa com Eckermann, a 12 de Março de 1826: «Se pensarmos nas terríveis desgraças que caem sobre Gretchen (Margarida) e que, por ricochete, sacodem a alma de Fausto até às suas profundezas, compreende-se que eu não tenha podido desencilhar-me de outra forma a não ser paralisando o herói, considerando-o como aniquilado, fazendo-o depois renascer para uma nova vida.» É este renascer que motiva o compositor a compor a primeira cena da segunda parte.

Schumann salta os três actos seguintes para se deter no quinto acto e na cena das quatro mulheres de escuro, no fundo quatro divindades alegóricas: Penúria, Culpa, Miséria e a Inquietação que o cega.

A cena da morte sucede-se. Nela, Schumann modifica pela única vez as palavras de Goethe e conclui a cena com a repetição das palavras de Mefistófeles «es ist vollbracht» (tudo está consumado), que são também as últimas palavras de Cristo na cruz. O paralelo traçado pelo compositor não pode ser mais evidente, e a cena do enterro com a disputa entre o céu e o inferno não tem já relevância aqui.

Numa ravina, floresta e desfiladeiro, a alma de Fausto, agora Doctor Marianus, ascende ao céu, a pedido de uma penitente (outrora Gretchen) e por intercessão da Virgem Maria.

O que Schumann põe em música desde a primeira parte até ao final é o caminho da salvação de Fausto depois de, como Cristo, ter resistido, e algumas vezes sucumbido, às tentações. A última cena e toda esta maravilhosa música estão mais do que justificadas.

Nuno Vieira de Almeida

Musicólogo

O autor escreve ao abrigo do antigo acordo ortográfico.

As traduções de Fausto utilizadas neste texto são de João Barrento.



© KAREN ALMOND

Graeme Jenkins

Direção musical

Durante 20 anos, foi diretor musical da Ópera de Dallas (1994-2013) e maestro convidado da Ópera de Colónia (1997-2002). Trabalhou com a Royal Opera House, English National Opera, Grand Théâtre de Genève, Netherlands Opera, Opéra de Paris, Royal Danish Opera, Royal Swedish Opera, Deutsche Oper Berlin, Bayerische Staatsoper, Budapest Opera, Theater an der Wien, Sydney Opera e, desde 2005, tem sido convidado frequente da Wiener Staatsoper. Estreou-se em São Carlos no início de 2017, dirigindo *Tristan und Isolde* e *Peter Grimes*, seguidas de *Alceste* e *Parsifal* em 2019, de *Rusalka* e *Iolanta* em 2021. Em 2022, dirigiu *Ein deutsches Requiem* e, em 2023, *Der fliegende Holländer*. Estudou música na Universidade de Cambridge, dirigindo a Royal College of Music Symphony Orchestra com Norman Del Mar e David Willcocks.



Ana Quintans

Soprano

Estudou canto na Escola Artística de Música do Conservatório Nacional (EAMCN) e no Flanders Operastudio. Especialmente dedicada ao repertório barroco, já trabalhou com maestros como William Christie, Marc Minkowski, Michel Corboz, Vincent Dumestre, Marcos Magalhães, Enrico Onofri, Leonardo García Alarcón e Ivor Bolton. Gravou o *Requiem* de Fauré com a Sinfonia Varsóvia e Michel Corboz, *Judicium Salomonis* com o Les Arts Florissants, *Sementes do Fado* e *La Spinalba* com os Músicos do Tejo, e um álbum a solo com árias de Albinoni. Em DVD, gravou Drusilla em *L'incoronazione di Poppea* de Monteverdi, *Dido and Aeneas* de Purcell e *David et Jonathas* de Charpentier. Já colaborou com encenadores como Deborah Warner, Pier Luigi Pizzi, Graham Vick e Jonathan Kent, e em teatros e festivais como Opéra de Lyon, Wiener Festwochen, Centro Cultural de Belém, Flanders Opera, Dutch National Opera, Fundação Calouste Gulbenkian, Salle Pleyel, Festival d'Aix-en-Provence, Glyndebourne e Salzburgo. No Teatro Nacional de São Carlos, já se apresentou como Ília em *Idomeneo*, de Mozart, e no papel titular de *Alceste*, de Gluck. Destacam-se, de projetos recentes, concertos em França, Áustria, Escócia e Bélgica, bem como a sua estreia no Grand Théâtre de Genève na ópera *Atys* de Lully. Já se apresentou em países como a Finlândia, França, Espanha, Áustria e Alemanha.



© MARA D ELEAN

Bárbara Barradas

Soprano

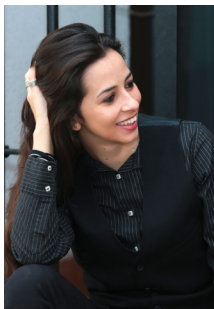
«Uma notável artista, uma cantora inata (...) com uma voz bonita e redonda, uma presença excepcional em palco, com uma *messa di voce* que, após a Caballé, é muito difícil de encontrar» (diretor do Festival Oper im Berg). Estreou-se em Salzburgo (Festival Oper im Berg) com o papel titular em *Lucia di Lammermoor*. Interpretou os papéis de Musetta no Teatro Nacional de São Carlos, onde foi muito aclamada. Em 2022, estreou o papel de Corinna (*Il viaggio a Reims*) no CCB; e na sua carreira já interpretou Ines di Castro, Lucia, Susanna, Barbarina, La Fée, Frasquita, Donna Anna, Zerlina, Königin der Nacht, entre outras. Fez a estreia absoluta, no Teatro da Trindade, de Bruna na nova ópera *A canção do bandido* de Nuno Côrte-Real. Na Culturgest, também em estreia absoluta, foi a solista da obra *Tremor* de Nuno Côrte-Real, obra gravada em Berlim, ainda em 2021. Canta regularmente com as mais prestigiadas orquestras nacionais e internacionais. Foi bolsreira da Fundação Gulbenkian, formou-se em Londres (bacharelato em música e mestrado em música) na Guildhall School of Music and Drama. Fez parte da International Opera Academy e da WIAV. Ganhou vários prémios e bolsas de estudo em inúmeras competições nacionais e internacionais. É fundadora e mentora do programa Empodera-te na Voz e, em conjunto com os prestigiados artistas Cátia Moreso, Sónia Aragão e Vasco Dantas, dirige a Associação Cultural Art Allurement.



Mariana Sousa

Soprano

Natural do Porto. Estudou com as sopranos Elisabete Matos e Dora Rodrigues na ESART, obtendo o grau de mestre com nota máxima. Em formato de *masterclass*, trabalhou com Mariella Devia, José de Oliveira Lopes, Norma Enns, Enza Ferrari e o compositor Harrison Birtwistle, entre outros. Recentes projetos incluem uma digressão com a ópera infantil *The girl, The hunter and the wolf*, de Vasco Mendonça (estreia nacional) em coprodução com o LOD Muziektheatre (Bélgica). Tem vindo a desenvolver o seu trabalho na ópera contemporânea, destacando-se *Pat*, uma estreia absoluta de Ana Seara, *Até que a morte nos separe* (Operafest, 2021), transmitida pela RTP 2; Bessie no *Mahagonny Songspiel* de Kurt Weill; e o papel principal na ópera de câmara de Sara Ross, *Margarida* (Operafest 2020). Cantou *A Portuguesa* para Sua Ex.^a o Presidente da República (2015) e, em 2017, foi bolsista do Círculo Richard Wagner. Foi vencedora do 1.º prémio no Concurso Internacional Cidade do Fundão (2013 e 2016). Completou o 8.º grau de Violino com Alexandra e Augusto Trindade na AMPB.



Inês Constantino

Meio-soprano

Começou por estudar guitarra clássica, saxofone e canto no Conservatório Regional de Palmela. Completou a sua licenciatura em canto na Universidade de Aveiro, sob orientação de Isabel Alcobia, em 2016. Nesse mesmo ano, ganhou o 2.º prémio no Concurso Internacional de Música Cidade de Almada. No Teatro Aveirense, sob direção de Vassalo Lourenço e encenação de Claudio Hochman, interpretou as personagens Cherubino em *Le nozze di Figaro*, Zita em *Gianni Schicchi* e Suora Zelatrice em *Suor Angelica*. Também participou em musicais como *O feiticeiro de Oz* e *A pequena sereia*. Na Universidade Mozarteum em Salzburgo, estudou de 2016 a 2018 na classe de ópera do maestro Gernot Sahler e do encenador Alexander von Pfeil, e na classe de canto de Michèle Crider. Em 2018, ganhou a bolsa de estudos Gianna Szel-Stipendium em Salzburgo. Depois de terminar o seu mestrado em ópera com classificação máxima, Inês Constantino fez um segundo mestrado em *Lied* e *Oratorium* na classe de Pauliina Tukiainen e na classe de canto de Mario Díaz. Em Salzburgo, interpretou Filipjewna em *Eugene Onegin*, Zita em *Gianni Schicchi*, Ruggiero em *Alcina*, Giacinta em *La finta semplice*, Stubenmädchen em *Reigen* e La Voix de la Mère em *Les contes d'Hoffmann*. Recentemente apresentou-se como Francisca na ópera *Vingança* de Jorge Salgueiro, no Fórum Luísa Todi, e como Annio em *La clemenza di Tito*, em Salzburgo.



Carolina Figueiredo

Meio-soprano

Formou-se em canto na Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa em 2005, aperfeiçoando posteriormente o seu trabalho com Manuela de Sá e, presentemente, com Joana Siqueira. Colabora com grandes coros e orquestras nacionais, tendo-se apresentado como solista em grandes obras de repertório nas maiores salas de concerto do país, sob a direção, entre outros maestros, de Leonardo García Alarcón, Michael Corboz, Joana Carneiro, Cesário Costa, João Paulo Santos, Pedro Amaral, Marcos Magalhães e Jan Wierzb. Participou em diversas produções de ópera no TNSC e na Fundação Gulbenkian, assumindo, entre outros, os papéis de Larina (*Evgeni Onegin*), Gertrude (*Roméo et Juliette*) e Annina (*La traviata*). Apresenta-se regularmente em recitais de música barroca e romântica, sendo convidada igualmente por diversos agrupamentos de música de câmara, como os Músicos do Tejo e a Camerata Atlântica. Protagonizou produções de música contemporânea, tendo estreado e gravado obras de Carlos Marecos, Nuno da Rocha, Luís Soldado, Jorge Salgueiro e Hugo Ribeiro. É licenciada em Direito, tem o Diploma Internacional de Tradução do Chartered Institute of Linguists e dedica-se em paralelo à área da tradução jurídico-legal.



Leonel Pinheiro

Tenor

Licenciado pela Universidade de Aveiro, pós-graduado pela Royal Scottish Academy of Music & Drama, Opera School (mestrado), Guildhall School of Music & Drama, com classificação máxima. Os papéis que desempenhou incluem: Don Jose/*Carmen* (Mid Wales Opera); Macduff/*Macbeth* (Scottish Opera); Alfredo/*La traviata* (Bermuda Festival, European Chamber Opera, Bangkok Grand Opera) com récitas na Tailândia, Bermudas, Índia, Paquistão, Coreia do Sul e Bahrain; Luigi/*Il tabarro*; Samson/*Samson et Dalila* (Grimeborn Opera Festival); Cavaradossi/*Tosca* (Musique Cordiale Festival, Wimbledon International Music Festival); Turiddu/*Cavalleria rusticana* (Coliseu Micaelense). Trabalhou regularmente com o Wexford Festival Opera, cantou Kozak/Maria, Showman/*A village Romeo and Juliet*, Achille di Rosalba/Felice/*Il cappello di paglia di Firenze*. Em concerto/oratória, destaca-se a estreia no Royal Festival Hall com o *Requiem* de Mozart, com a English Chamber Orchestra/Philharmonia Chorus e *Das Lied von Der Erde* de Mahler, com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, no Centro Cultural de Belém. De compromissos recentes, destacam-se: Prologue/Peter Quint/*Turn of the screw* (CCB); Don José/*Carmen* (Operafest); Yamadori/*Madama Butterfly*; Dr. Blind/*Die Fledermaus*; Camille de Rosillon/*Die lustige Witwe*; Jaquino/Fidelio; e Bardolfo/*Falstaff*.



Bruno Almeida

Tenor

Realizou a sua formação em canto com Filomena Amaro e Isabel Biu. Estreou-se em 2010 com o Sintra Estúdio de Ópera, no papel de Federico n' *As taças de Hymineu*. Fez parte do Estúdio de Ópera do Teatro Nacional de São Carlos e desempenhou, entre outros, os papéis de 1.º Segurança, na estreia mundial da ópera *Banksters*, de Nuno Côrte-Real, Conde de Lerma (*Don Carlos*, Verdi), Vivaldi (*Sampiero*, F. Migone), Flavio (*Norma*, Bellini), Gran Sacerdote (*Idomeneo*, Mozart). Noutros palcos interpretou El Remendado (*Carmen*, Bizet), Bastien (*Bastien und Bastienne*, Mozart, em versão portuguesa), Gernando (*L'isola disabitata*, D. Perez), Don Ottavio (*Don Giovanni*, Mozart, em Orvieto, Itália), Tony (*West Side Story*, Bernstein) e Phantom (*Phantom of the Opera*, Lloyd Weber). Em concerto cantou como solista, entre outras obras, a *Missa Grande*, de Marcos Portugal, *Mattutino de'Morti* de David Perez, *Messiah* de Händel, o *Requiem* de Mozart, a *Fantasia Coral* de Beethoven, *Oratória de Natal* de C. Saint-Saëns, *Il trionfo di Davidde* de Brás Francisco de Lima, *A Paz da Europa*, de J. D. Bomtempo, e as *Vésperas* de Rachmaninov. Em 2013, atuou na *Verdi 200 Gala*, no Festival Junger Künstler, em Bayreuth. Em 2014, atuou no Brighton Early Music Festival, com o *ensemble L'avventura London*. Atua frequentemente em recital. É membro fundador do *Projecto Alba*, dedicado à promoção do canto lírico e da guitarra portuguesa.



Sérgio Martins

Tenor

Natural da cidade do Porto, estudou no Conservatório de Música da mesma cidade e é licenciado em canto pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE), na classe de Rui Taveira. Trabalhou com professores de renome, aperfeiçoando-se com Oliveira Lopes, Isabel Mallaguerra, Edwiges Gondim, António Durães, Jaime Mota, Ana Mafalda Castro, Norma Graça-Silvestre, Barbara Francke e Sarah Walker, entre outros. Tem um vasto repertório ao nível de ópera, *Lied* e oratória. Desde outubro de 2001, é o fundador e diretor musical de vários grupos corais e instrumentais. Em 2008, foi finalista do concurso José Augusto Alegria, em Évora, e no mesmo ano teve a sua estreia no Teatro Nacional de São Carlos, com o qual colabora regularmente e onde já cantou compositores como Bohuslav Martinů, Richard Strauss, César Franck, Leonard Bernstein, Giacomo Puccini, Ludwig van Beethoven e Giuseppe Verdi. Já participou em diversos concursos e programas televisivos. Paralelamente à sua atividade como cantor e maestro, desenvolve também uma carreira como docente.



© MARA D ELEAN

André Baleiro

Barítono

Entre 2016 e 2021, venceu o Concurso Robert Schumann, o Concurso SWR Young Opera Stars, o prémio Talento Promissor do Concurso *Das Lied* em Heidelberg, o Concurso de Canto da Fundação Rotária Portuguesa, o 2.º Prémio nos Concursos de *Lied* «Helmut Deutsch» em Viena e «Schubert e a música moderna» em Graz. Diplomou-se em canto na Universität der Künste Berlin nas classes do *Kammersänger* Siegfried Lorenz e dos pianistas Eric Schneider e Axel Bauni. Foi bolseiro da Fundação Hamel, em Hanôver, e da Fundação Gulbenkian em Lisboa. Frequentou *masterclasses* com Tom Krause, Ian Bostridge, Lorenzo Regazzo e José van Dam. Atualmente, prossegue o seu aperfeiçoamento técnico e artístico com a professora Snežana Stamenkovic. Do seu repertório operático, destacam-se os papéis de Figaro (*Il barbiere di Siviglia* de Rossini), Tarquinius (*The rape of Lucretia* de Britten), Ned Keen (*Peter Grimes* de Britten), Valentin (*Faust* de Gounod), Orphée (*Orphée* de Philip Glass) e Pelléas (*Pelléas et Mélisande* de Debussy).



Tristan Hambleton

Baixo-barítono

De nacionalidade britânica, Tristan Hambleton estudou no St. John's College em Cambridge, na Universidade de Heidelberg e na Royal Academy em Londres. Como «Equilibrium Young Artist», os seus compromissos recentes incluíram Father Truelove (*The rake's progress*), com Barbara Hannigan e a Orquestra de Câmara da Suécia, Cap. Ross em *Anthropocene* de Stuart MacRae, em Salzburgo, e Daron em *La victoire de Karima* de Edwin Baudo, com o Coro da Orquestra de Paris. A nível concertístico, apresentou-se como Valens em *Theodora*, com o Collegium Musicum Bergen, *Messiah* com a Orquestra de Câmara Inglesa, e *Israel in Egypt* com o Monteverdi Choir. Colabora regularmente com importantes agrupamentos, tais como The Hallé, Royal Philharmonic Orchestra, Orchestra of the Age of Enlightenment e Le Banquet Céleste. De óperas em que participou, destacam-se: *Lessons in love and violence*; *La traviata* para a Opéra de Bordéus, e *Rigoletto*, *Tosca* e *A midsummer night's dream* para a Nevil Holt Opera. Especialista em recitativo, Tristan já se apresentou no Festival Lieder de Oxford, bem como a nível internacional. Brevemente, gravará um disco com canções do século XX e contemporâneas, para a etiqueta Delphian.



José Corvelo

Barítono

É licenciado pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, onde integrou a classe de José de Oliveira Lopes. Foi-lhe atribuído o prémio Eng. António de Almeida pela Fundação com o mesmo nome, que distingue os melhores alunos finalistas das universidades portuguesas. Obteve o grau de mestre pela Universidade de Aveiro. Participou em diversas *masterclasses* com grandes nomes do canto lírico internacional, aperfeiçoando-se no domínio da ópera, em Portugal, com Jorge Vaz de Carvalho e, em Espanha, com Daniel Muñoz. Integrou o Atelier de Ópera da Orquestra Metropolitana de Lisboa. Tem-se apresentado como solista quer em Portugal quer no estrangeiro, em concerto, nas principais obras corais-sinfónicas e em múltiplas óperas, tendo interpretado vários papéis principais como: Figaro e Conte, Leporello, Germont, Escamillo, D. Bartolo, Alfio, Tonio, Sharpless, Malatesta, Dulcamara, Smirnov, entre muitos outros. Foi também Talpa em *Il tabarro* e Publio em *La clemenza di Tito*. Participou como ator/cantor no filme de Michael Sturminger, *The Casanova Variations*. Nessas inúmeras produções, foi dirigido por alguns dos mais conceituados maestros. Em 2015, foi agraciado com a Insígnia Autónoma de Mérito Profissional, pela Região Autónoma dos Açores.



© BRUNO SIMÃO

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

O Coro do Teatro Nacional de São Carlos, criado em 1943 sob a titularidade de Mario Pellegrini, tem atuado sob a direção de importantes maestros (Pedro de Freitas Branco, Votto, Serafin, Gui, Giulini, Klemperer, Zedda, Solti, Santi, Rescigno, Navarro, Rennert, Burgos, Conlon, Christophers, Plasson, Minkowski, entre outros) e colaborado com marcantes encenadores (Pountney, Carsen, Vick). Entre 1962 e 1975, o Coro colaborou nas temporadas da Companhia Portuguesa de Ópera (Teatro da Trindade), tendo-se deslocado com a mesma à Madeira, aos Açores, a Angola e a Oviedo. O conjunto tem regularmente abordado o repertório de compositores nacionais (Alfredo Keil, Augusto Machado) e tem participado em estreias mundiais de óperas de Fernando Lopes-Graça, António Victorino d'Almeida, António Chagas Rosa e Nuno Côrte-Real. Em 1980, formou-se um primeiro núcleo coral a tempo inteiro e, três anos depois, assumiu-se a profissionalização plena, sob a direção de Antonio Brainovitch. A partir de 1985, a afirmação artística do conjunto foi creditada a Gianni Beltrami, e o titular seguinte foi João Paulo Santos. Sob a responsabilidade destes dois maestros, o Coro registou marcantes êxitos internacionais: *Grande messe des morts* de Berlioz (1989 – Turim); *Requiem* de Verdi (1991 – Bruxelas) e *Concerto Henze/Corghì* (1997 – Festival de Granada). Giovanni Andreoli assumiu o cargo em 2004. Sob a sua direção, o Coro averbou êxitos num vasto e variado repertório. Em 2005, o Coro foi convidado pela Ópera de Génova para participar em récitas da ópera *Billy Budd* de Britten, convite que se repetiu em 2015. Giampaolo Vessella é o maestro titular desde janeiro de 2021.



© BRUNO FRANGO

Giampaolo Vessella

Maestro titular

do Coro do Teatro Nacional de São Carlos

É, desde janeiro de 2021, maestro titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos. Estudou trombone, composição, música coral e direção coral no Conservatório de Música Giuseppe Verdi, em Milão. De 2016 a janeiro de 2021, foi maestro do Coro da Devlet Opera ve Balesi de Ancara e, de 2018 a janeiro de 2021, desempenhou as funções de orientador vocal do Coro da Rádio e Televisão da Turquia. Simultaneamente à sua carreira como barítono solista, prosseguiu a atividade como maestro de coro, a partir de 1993, quando criou o Schola Cantorum «Cantate Domino» de Carbonate (Itália). Em 1996, fundou o Coro «Euphonia», em Carbonate, do qual foi diretor artístico e orientador vocal. O Coro «Euphonia» foi levado à descoberta do mundo da ópera, tendo interpretado, ao longo dos anos, os mais importantes títulos do repertório melodramático. De janeiro de 2002 a 2016, dirigiu o Coro Lirico dell'Associazione Musicale Calauce de Calolziocorte (Itália). De 2006 a 2016, dirigiu o coro lírico «Corale Arnatese» e, de setembro de 2012 a 2015, foi o maestro do Coro Operístico de Mendrisio (Suíça). Em 2015, fundou o Coro Sinfónico Ticino. Durante vários anos, lecionou técnica, pedagogia e didatismo de canto para maestros de coro, em cursos organizados pela Unione Società Corali Italiane, de que foi membro do Comité Artístico. Como *freelancer*, é regularmente convidado, por *ensembles* e coros, a orientar *masterclasses* e cursos de canto, tanto em Itália como no resto do mundo.



© BRUNO SIMÃO

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.



Robert Schumann



1. Scene im Garten

Faust

*Du kannstest mich, o kleiner Engel, wieder,
gleich als ich in den Garten kam?*

Gretchen

Saht ihr es nicht? Ich schlug die Augen nieder.

Faust

*Und du verzeihst die Freiheit, die ich nahm,
was sich die Frechheit unterfangen,
als du jüngst aus dem Dom gegangen?*

Gretchen

*Ich war bestürzt, mir war das nie gescheh'n
es konnte Niemand von mir Übels sagen.
Ach, dacht' ich doch, hat er in deinem Betragen
was Freches, Unanständiges geseh'n?
es schien ihn gleich nur anzuwandeln
mit dieser Dirne grad' hin zu handeln.
Gesteh' ich's doch, ich wusste nicht was sich
zu eurem Vorteil hier zu regen gleich begonnte;
allein gewiss, ich war recht bö's' auf mich,
dass ich auf euch nicht böser konnte.*

Faust

Süss' Liebchen!

Gretchen

*Lasst einmal!
(Sie pflückt eine Sternblume und zupft di Blätter ab,
eins nach dem andern)*

Faust

Was soll das? Einen Strauss?

Gretchen

Nein! es soll nur ein Spiel.

Faust

Wie!

Gretchen

*Geht, ihr lacht mir aus!
(Sie rupft und murmelt)*

Faust

Was murmelst du?

1. Cena no jardim

Fausto

Conheceste-me, anjo do meu coração,
Quando há pouco no jardim entrei?

Margarida

Não vistes? Pus logo os olhos no chão.

Fausto

E perdoas a liberdade que tomei?
E o que se permitiu minha ousadia
Quando da catedral saías no outro dia?

Margarida

Era a primeira vez, fiquei perturbada;
Ninguém tinha nada que me apontar.
E pensei: Será que ele viu no teu andar
Qualquer coisa imprópria ou mais ousada?
Parece que ao primeiro olhar
Uma moça como eu decidi namorar.
O que me deu, confesso, não sei,
Para logo em mim achardes só favor;
Só sei que comigo me zanguei
Por convosco me não poder zangar.

Fausto

Meu amor!

Margarida

— Posso?
(*Colhe um malmequer e começa a arrancar as folhas, uma a uma*)

Fausto

— Que é isso? Um ramalhete?

Margarida

É só um jogo.

Fausto

— Qual?

Margarida

— Não troceis! Ide!
(*Desfolha o malmequer, murmurando*)

Fausto

Que murmuras?

Gretchen

*Er liebt mich _ liebt mich nicht _
er liebt mich _ liebt mich nicht _ liebt mich
liebt mich nicht _ liebt mich _ nicht _
(Die letzte Blatt ausrufend, mit holder Freude)
er liebt mich!*

Faust

*Ja, mein Kind! lass dieses Blumenwort
dir Götterausspruch sein! Er liebt dich!
Versteht du, was das heisst: Er liebt dich,
er liebt dich!*

Gretchen

Mich überläuft's!

Faust

*O schaud're nicht! lass diesen Blick,
lass diesen Händedruck dir sagen,
was unaussprechlich ist:
sich hinzugeben ganz und eine Wonne zu fühlen,
die ewig, ewig, ewig sein muss!*

Mephistophele

Es ist wohl Zeit zu scheiden!

Marthe

Ja, es ist spät, mein Herr!

Faust

Darf ich euch nicht geleiten?

Gretchen

Die Mutter würde mich... lebt wohl!

Faust

*Muss ich denn geh'n?
Lebt wohl!*

Marthe

Ade!

Gretchen

Auf baldiges Wiederseh'n!

Margarida

— Bem-me-quer, mal-me-quer...
Bem-me-quer... mal... bem...
mal-me-quer...
(Arrancando a última folha, num grito de pura alegria)
Bem-me-quer!

Fausto

— Minha vida! É um divino oráculo
O que essa flor te diz: que ele te quer bem!
Entendes o que isso é,
que ele te quer bem?

Margarida

Sinto um calafrio!

Fausto

Não estremeças! Deixa que este olhar
E o calor desta mão te digam
O que infável é:
A entrega total e o sentir
Um êxtase que tem de ser eterno!

Mefistófeles

— São horas!

Marta

É tarde já, senhor.

Fausto

— Levo-te aonde moras?

Margarida

Não, que a minha mãe... Adeus!

Fausto

— Temos de ir já?
Adeus!

Marta

— Até à vista!

Margarida

— Passai por cá!

2. Gretchen vor dem Bild der Mater dolorosa

*In der Mauerhöhle ein Andachtsbild der Mater dolorosa,
Blumenkrüge davor.*

Gretchen (*steckt frische Blumen in die Krüge*)

Ach neige,
Du Schmerzenreiche,
Dein Antlitz gnädig meiner Noth!
Das Schwert im Herzen,
Mit tausend Schmerzen
Blickst auf zu deines Sohnes Tod.
Zum Vater blickst du,
Und Seufzer schickst du
Hinauf um sein' und deine Noth.
Wer fühlet,
Wie wühlet
Der Schmerz mir im Gebein?
Was mein armes Herz hier banget,
Was es zittert, was verlanget,
Weißt nur du, nur du allein!
Wohin ich immer gehe,
Wie weh, wie weh, wie wehe
Wird mir im Busen hier!
Ich bin ach kaum alleine,
Ich wein', ich wein', ich weine,
Das Herz zerbricht in mir.
Die Scherben vor meinem Fenster
Bethaut' ich mit Thränen, ach!
Als ich am frühen Morgen
Dir diese Blumen brach.
Schien hell in meine Kammer
Die Sonne früh herauf,
Saß ich in allem Jammer
In meinem Bett' schon auf.
Hilf! rette mich von Schmach und Tod!
Ach neige,
Du Schmerzenreiche,
Dein Antlitz gnädig meiner Noth!

2. Margarida diante da imagem da Mater Dolorosa

Muralha da cidade

*Num nicho da muralha, uma imagem da Mater dolorosa.
Jarras com flores diante da imagem.*

Margarida (*pondo flores frescas nas jarras*)

Concede,
Ó Mãe dolorosa,
Tua clemência à minha triste sorte!
No coração a espada,
Olhas, de dores trespassada,
Teu filho na agonia da morte.
Posto no Pai o olhar,
Lanças teus suspiros, a suplicar
Pela sua e pela tua triste sorte.
Quem sente
A ardente
Dor que me consome, quem?
O que meu peito receia,
Por que treme, por que anseia,
Só tu sabes, mais ninguém!
Para onde quer que for,
Que dor me dá, que dor,
No coração, aqui!
Assim que fico só,
Choro, choro sem dó,
Rasga-se o peito em mim.
Sobre os vasos à janela
Minhas lágrimas verti
Quando, ao romper do dia,
Estas flores para ti colhi.
Quando o sol, de manhãzinha,
Pelo meu quarto se derrama,
Já estou em pranto, sozinha,
Sentada na minha cama.
Piedade! Salva-me de vergonha e morte!
Concede,
Ó Mãe dolorosa,
Tua clemência à minha triste sorte!

3. Scene im Dom

Dom.

*Amt, Orgel und Gesang. Gretchen unter
vielm Volke. Böser Geist
hinter Gretchen.*

Böser Geist

*Wie anders, Gretchen, war dir's,
Als du noch voll Unschuld
Her zum Altar trat'st,
Aus dem vergriffnen Büchelchen
Gebete lalltest,
Halb Kinderspiele,
Halb Gott im Herzen!
Gretchen!
Wo steht dein Kopf?
In deinem Herzen,
Welche Missethat?
Bet'st du für deiner Mutter Seele, die
Durch dich zur langen, langen Pein hinüberschlief?
Auf deiner Schwelle wessen Blut?
— Und unter deinem Herzen
Regt sich's nicht quillend schon,
Und ängstet dich und sich
Mit ahnungsvoller Gegenwart?*

Gretchen

*Weh! Weh!
Wär' ich der Gedanken los,
Die mir herüber und hinüber gehen
Wider mich!*

Chor

*Dies irae, dies illa
Solvat saeculum in favilla.*

Böser Geist

*Grimm faßt dich!
Die Posaune tönt!
Die Gräber beben!
Und dein Herz,
Aus Aschenruh'
Zu Flammenqualen
Wieder aufgeschaffen,
Bebt auf!*

3. Na Catedral

Catedral

*Ofício divino, órgão e canto.
Margarida no meio de muito povo. Espírito Mau
atrás de Margarida.*

Espírito Mau

*Como te sentias outra, Margarida,
Quando, plena de inocência,
Te chegavas ao altar
Balbuciando orações
Do livro gasto,
Cheio de brinquedos
E já de Deus o coração!
Margarida!
Onde tens a cabeça?
No coração
Que crime tens?
Vens rezar pela alma de tua mãe, que
Por culpa tua se passou para longos tormentos?
Que sangue é esse à tua porta?
— E sob o teu coração
Não se agita já ele em alvoroço,
Trazendo-te a ti e a si próprio
Angustia dos pressentimentos?*

Margarida

*Ai de mim! Ai de mim!
Porque me não livro eu dos pensamentos
Que de aqui e de ali me assaltam,
Acusadores?*

Coro

*Dies irae, dies illa
Solvat saeculum in favilla.*

Espírito Mau

*Toma-te o pavor!
A trombeta ressoa!
As tumbas estremeçam!
E o teu coração,
Ressuscitado
Da paz das cinzas
Para os tormentos das chamas,
Palpita!*

Gretchen

*Wär' ich hier weg!
Mir ist als ob die Orgel mir
Den Athem versetzte,
Gesang mein Herz
Im Tiefsten lös'te.*

Chor

*Judex ergo cum sedebit,
Quidquid latet adparebit,
Nil inultum remanebit.*

Gretchen

*Mir wird so eng!
Die Mauern-Pfeiler
Befangen mich!
Das Gewölbe
Drängt mich! - Luft!*

Böser Geist

*Verbirg dich! Sünd' und Schand'
Bleibt nicht verborgen.
Luft? Licht?
Weh dir!*

Chor

*Quid sum miser tunc dicturus?
Quem patronum rogaturus?
Cum vix justus sit securus.*

Böser Geist

*Ihr Antlitz wenden
Verklärte von dir ab.
Die Hände dir zu reichen,
Schauert's den Reinen.
Weh!*

Chor

Quid sum miser tunc dicturus?

Gretchen

*Nachbarin! Euer Fläschchen! --
(Sie fällt in Ohnmacht)*

Margarida

*Quem me dera estar longe daqui!
É como se o órgão
O alento me tirasse,
E o canto no âmago
O coração me dissolvesse.*

Coro

*Judex ergo cum sedebit,
Quidquid latet adparebit,
Nil inultum remanebit.*

Margarida

*Sufoco aqui!
Os pilares
Aprisionam-me!
A abóbada
Oprime-me!... Ar!*

Espírito Mau

*Pois, esconde-te! O pecado e a vergonha
Não podem esconder-se.
Ar? Luz?
Ai de ti!*

Coro

*Quid sum miser tunc dicturus?
Quem patronum rogaturus?
Cum vix justus sit securus.*

Espírito Mau

*Os eleitos desviam
De ti os olhos.
Os puros tremem à ideia
De te estender as mãos.
Ai de ti!*

Coro

Quid sum miser tunc dicturus?

Margarida

*Vizinha! O vosso frasquinho!
(Cai sem sentidos)*

4. Ariel. Sonnenaufgang

Anmutige Gegend

Faust auf blumigen Rasen gebettet, ermüdet, unruhig, schlafsuchend.

Dämmerung.

Gesterkreis schwebend bewegt, anmutige kleine Gestalten.

Ariel

*Die ihr dies Haupt umschwebt im luft'gen Kreise,
Erzeigt euch hier nach edler Elfen Weise,
Besänftiget des Herzens grimmen Strauß,
Entfernt des Vorwurfs glühend bittre Pfeile,
Sein Innres reinigt von erlebtem Graus.
Vier sind die Pausen nächtiger Weile,
Nun ohne Säumen füllt sie freundlich aus.
Erst senkt sein Haupt aufs kühle Polster nieder,
Dann badet ihn in Tau aus Lethes Flut;
Gelenk sind bald die krampferstarrten Glieder,
Wenn er gestärkt dem Tag entgegenruht;
Vollbringt der Elfen schönste Pflicht,
Gebt ihn zurück dem heiligen Licht.*

4. Ariel, crepúsculo

Lugar ameno

Fausto, deitado sobre a erva florida, cansado, inquieto, procurando o sono.

Crepúsculo.

O círculo dos Espíritos pairando, agitados, figuras pequenas e graciosas.

Ariel

Vós, que aéreos rondais estas cabeças,
Mostrai dos elfos a nobre natureza,
Do coração a dura luta apaziguando,
Do remorso afastando a seta amarga e ardente,
De horrores passados a alma lhe purgando.
Tem quatro pausas a vigília, e é urgente
Usá-las com amor, não hesitando.
Primeiro, deitai-lhe a fronte em fresco chão,
Banhai-o no orvalho que o Letes envia;
E os membros hirtos logo despertarão,
Quando, refeito, descansa e espera o dia;
Cumpri dos elfos o dever
De à sagrada luz o trazer.

Chor

*Wenn sich lau die Lüfte füllen
Um den grünumschränkten Plan,
Süße Düfte, Nebelhüllen
Senkt die Dämmerung heran.
Lispelt leise süßen Frieden,
Wiegt das Herz in Kindesruh;
Und den Augen dieses Müden
Schließt des Tages Pforte zu.
Nacht ist schon hereingesunken,
Schließt sich heilig Stern an Stern,
Große Lichter, kleine Funken
Glitzern nah und glänzen fern;
Glitzern hier im See sich spiegelnd,
Glänzen droben klarer Nacht,
Tiefsten Ruhens Glück besiegelnd
Herrscht des Mondes volle Pracht.
Schon verloschen sind die Stunden,
Hingeschwunden Schmerz und Glück;
Fühl es vor! Du wirst gesunden;
Traue neuem Tagesblick.
Täler grünen, Hügel schwellen,
Buschen sich zu Schattenruh;
Und in schwanken Silberwellen
Wogt die Saat der Ernte zu.
Wunsch um Wünsche zu erlangen,
Schau nach dem Glanze dort!
Leise bist du nur umfängen,
Schlaf ist Schale, wirf sie fort!
Säume nicht, dich zu erdreisten,
Wenn die Menge zaudernd schweift;
Alles kann der Edle leisten,
Der versteht und rasch ergreift.*

*Ungeheures Getöse Verkündet das Herannahen
der Sonne.*

Ariel

*Horchet! horcht dem Sturm der Horen!
Tönend wird für Geistesohren
Schon der neue Tag geboren.
Felsentore knarren rasselnd,
Welch Getöse bringt das Licht!
Es trommetet, es posaunet,
Auge blinz und Ohr erstaunet,
Unerhörtes hört sich nicht.
Schlüpfet zu den Blumenkronen,
Tiefer, tiefer, still zu wohnen,
In die Felsen, unters Laub;
Trifft es euch, so seid ihr taub.*

Coro

Quando o ar morno se reclina
Sobre o plauto verdejante,
Doces odores e neblinas
Vão descendo ao Sol-poente.
E há sons de paz sussurrados,
Desce à alma uma harmonia;
E aos seus olhos fatigados
Fecham-se as portas do dia.
Cai a noite, está coberto
O céu de um manto de estrelas,
Luzem longe, brilham perto
Grandes luzeiros, fracas velas.
No lago o brilho espelhando,
Na noite o seu puro fulgor,
A mais funda paz selando
Reina a Lua em seu esplendor.
Já passadas são as horas,
Foram-se dor e prazer;
A alma sente que te curas!
Abre-te ao dia a nascer!
Vicejam vales, colinas
Onde a paz das sombras espregita;
Fluem vagas argentinas
Da sementeira à colheita.
Para alcançar o que sonhaste
Olha ali a luz da aurora!
Em leves véus te envolveste,
Sono é só véu, deita-o fora!
Não hesites, sê ousado,
Esquece a dúbia multidão!
Vence o espírito elevado
Que pensa e passa à acção.

*Um fragor portentoso anuncia a aproximação
do Sol.*

Ariel

Ouvi as horas ribombar!
Para nós, Espíritos, é o fragor
Do novo dia a nascer!
Racha o rochedo com estrondo,
Chega a luz com som terrível!
Estridente trompetear,
Vibra o ouvido, treme o olhar,
Não se ouve o que é inaudível.
Entre as flores buscai abrigo,
Fundo, para fugir ao perigo,
Em grutas, bosques escondido:
Se o ouvis, perdeis o ouvido.

Faust

*Des Lebens Pulse schlagen frisch lebendig,
ätherische Dämmerung milde zu begrüßen;
Du, Erde, warst auch diese Nacht beständig
Und atmest neu erquickt zu meinen Füßen,
Beginnest schon, mit Lust mich zu umgeben,
Du regst und rührst ein kräftiges Beschließen,
Zum höchsten Dasein immerfort zu streben. -
Hinaufgeschaut! - Der Berge Gipfelriesen
Verkünden schon die feierlichste Stunde;
Sie dürfen früh des ewigen Lichts genießen,
Das später sich zu uns hernieder wendet.
Jetzt zu der Alpe grünesenkten Wiesen
Wird neuer Glanz und Deutlichkeit gespendet,
Und stufenweis herab ist es gelungen; -
Sie tritt hervor! - und, leider schon geblendet,
Kehr' ich mich weg, vom Augenschmerz durchdrungen.
So ist es also, wenn ein sehrend Hoffen
Dem höchsten Wunsch sich traulich zugerungen,
Erfüllungspforten findet flügeloffen;
Nun aber bricht aus jenen ewigen Gründen
Ein Flammenübermaß, wir stehn betroffen;
Des Lebens Fackel wollten wir entzünden,
Ein Feuermeer umschlingt uns, welch ein Feuer!
Ist's Lieb'? ist's Haß? die glühend uns umwiden,
Mit Schmerz und Freuden wechselnd ungeheuer,
So daß wir wieder nach der Erde blicken,
Zu bergen uns in jugendlichstem Schleier.
So bleibe denn die Sonne mir im Rücken!
Der Wassersturz, das Felsenriff durchbrausend,
Ihn schau' ich an mit wachsendem Entzücken.
Von Sturz zu Sturzen wälzt er jetzt in tausend,
Dann abertausend Strömen sich ergießend,
Hoch in die Lüfte Schaum an Schäume sausend.
Allein wie herrlich, diesem Sturm ersprießend,
Wölbt sich des bunten Bogens Wechseldauer,
Bald rein gezeichnet, bald in Luft zerfließend,
Umher verbreitend duftig kühle Schauer.
Der spiegelt ab das menschliche Bestreben.
Ihm sinne nach, und du begreifst genauer:
Am farbigen Abglanz haben wir das Leben.*

Fausto

A vida pulsa, viva e palpitante,
Para saudar de mansinho a etérea aurora;
Também tu foste esta noite constante,
Tu, Terra, que a meus pés arfas agora;
Começas já de gozo a me cercar
E o querer em mim acordas nesta hora
De ao mais alto do Ser sempre aspirar. —
Ao alto a vista! — No monte, as cumeadas
Já vão a apoteose anunciando,
Com a eterna luz mais cedo contempladas
Que só mais tarde se digna a nós descer.
E as pastagens alpinas, reclinadas
No verde, novo brilho vão receber,
Que, degrau a degrau, ao fundo chega: —
Eis que ele surge! Mas eu não posso olhar
O astro que me ofusca e os olhos cega.
Assim é, pois, quando a ânsia da esperança
Ao mais alto desejo bem se apega,
E as portas se abrem, para que cumprir se possa;
Mas eis que lá do abismo um mar de fogo
Irrrompe e em confusão nos lança;
Da vida o facho queríamos, e logo
Nos cerca um mar de chamas, e que mar!
Será amor ou ódio o fogo vago
Que entre dor e prazer a oscilar
Nos véus da infância nos faz esconder
E de novo na terra pôr o olhar?
Vou, pois, atrás de mim o Sol esquecer!
Na queda de água, em fúria pelas vertentes,
Os meus olhos se irão embevecer.
De queda em queda salta, e em mil torrentes,
Em mais de mil, se vai repartindo,
Enchendo os ares de espumas reluzentes.
E — oh, maravilha! — das águas subindo,
A curva firme e vaga das cores vivas
Do arco que, em forma clara ou se esvaindo,
Esparze no ar odores e frescas chuvas.
A humana ânsia nele está reflectida.
Medita nisso: talvez melhor percebas
Que no brilho das cores temos a vida.

5. Mitternacht

Vier graue Weiber treten auf.

Erste

Ich heie der Mangel.

Zweite

Ich heie die Schuld.

Dritte

Ich heiße die Sorge.

Vierte

Ich heiße die Not.

Zu Drei

*Die Tür ist verschlossen, wir können nicht ein;
Drin wohnt ein Reicher, wir mögen nicht 'nein.*

Mangel

Da werd ich zum Schatten.

Schuld

Da werd ich zunicht.

Not

Man wendet von mir das verwöhnte Gesicht.

Sorge

*Ihr, Schwestern, ihr könnt nicht und dürft nicht hinein.
Die Sorge, sie schleicht sich durchs Schlüsselloch ein.
Sorge verschwindet.*

Mangel

Ihr, graue Geschwister, entfernt euch von hier!

Schuld

Ganz nah an der Seite verbind ich mich dir.

Not

Ganz nah an der Ferse begleitet die Not.

5. Meia-noite

Entram quatro vultos escuros de mulher.

Primeira

Meu nome é Penria.

Segunda

— E o meu Culpa é.

Terceira

Chamo-me Inquietao.

Quarta

— E eu sou a Miséria.

A Trs

Est fechada a porta, no se pode entrar;
À casa de rico, não o nosso lugar.

Penúria

Ali eu sou sombra.

Culpa

— Ali eu sou nada.

Miséria

E a mim ele vira-me a cara anafada.

Inquietação

Vs, irmãs, não podeis, não deveis passar.
Eu pela fechadura, porém, posso entrar.
Desaparece a Inquietação.

Penúria

Vs, tristes irmãs, deixai o lugar.

Culpa

Eu saio já daqui, vou-te acompanhar.

Miséria

E eu, a Miséria, sigo-vos a má sorte.

Zu Drei

*Es ziehen die Wolken, es schwinden die Sterne!
Dahinten, dahinten! von ferne, von ferne,
Da kommt er, der Bruder, da kommt er, der...Tod.*

Faust (im Palast)

*Vier sah ich kommen, drei nur gehn;
Den Sinn der Rede konnt ich nicht verstehn.
Es klang so nach, als hieß es: Not,
Ein düstres Reimwort folgte: Tod!
Es tönte hohl, gespensterhaft gedämpft.
Noch hab ich mich ins Freie nicht gekämpft.
Könnt ich Magie von meinem Pfad entfernen,
Die Zaubersprüche ganz und gar verlernen
Stünd ich, Natur, vor dir ein Mann allein,
Da wärs der Mühe wert, ein Mensch zu sein!
Das war ich sonst, eh ichs im Düstern suchte,
Mit Frevelwort mich und die Welt verfluchte.
Nun ist die Luft von solchem Spuk so voll,
Daß niemand weiß, wie er ihn meiden soll.
Wenn auch Ein Tag uns klar-vernünftig lacht,
In Traumgespinst verwickelt uns die Nacht!
Wir kehren froh von junger Flur zurück:
Ein Vogel krächzt! Was krächzt er? Mißgeschick!
Von Aberglauben früh und spat umgarnt:
Es eignet sich, es zeigt sich an, es warnt!
Und so verschüchtert, stehen wir allein. -
Die Pforte knarrt, und niemand kommt herein.
(Erschüttert)
Ist jemand hier?*

Sorge

Die Frage fordert Ja!

Faust

Und du, wer bist denn du?

Sorge

Bin einmal da.

Faust

Entferne dich!

Sorge

Ich bin am rechten Ort.

*Faust (erst ergrimmt, dann besänftigt, für sich)
Nimm dich in acht und sprich kein Zauberwort!*

A Três

*Apagam-se os astros, vem nuvem gigante,
Lá ao fundo, ao fundo, lá longe, distante,
Lá vem ela, a irmã, lá vem ela... a Morte.*

Fausto (no interior do palácio)

*Vi chegar quatro, só três sair,
Não entendi o que ouvi dizer.
Soou-me assim como: má sorte,
Sombria rima se seguiu: Morte.
A voz era funda, espectral, abafada.
Liberdade, ainda não foste alcançada!
Pudesse eu libertar-me da magia,
Esquecer as fórmulas de feitiçaria,
Como homem só a natureza olhar,
Então valia a pena humano ser.
Já o fui, antes de às trevas me dar
E contra mim e o mundo blasfemar.
Agora há tanto espírito no ar
Que ninguém sabe como os evitar.
Se o dia nos sorri, claro como a razão,
A noite nos envolve em terrores e ilusão;
Venho de um campo alegre, cheio de graça,
Logo grasma uma ave. E o quê? Desgraça.
O mau agoiro cerca-me, noite e dia,
Mostra-se e ameaça e pressagia.
Fico sozinho, vivo com o temor.
Range o portão, ninguém vejo entrar.
(Assustado)
Está alguém aqui?*

Inquietação

— A resposta é: Sim!

Fausto

E quem és tu?

Inquietação

— Que importa? Estou aqui.

Fausto

Vai-te!

Inquietação

— Não, que aqui é o meu lugar.

*Fausto (primeiro irritado, depois apaziguado, para si)
Livra-te de algum esconjuro pronunciar!*

Sorge

*Würde mich kein Ohr vernehmen,
Müßt es doch im Herzen dröhnen;
In verwandelter Gestalt
Üb ich grimmige Gewalt:
Auf den Pfaden, auf der Welle,
Ewig ängstlicher Geselle,
Stets gefunden, nie gesucht,
So geschmeichelt wie verflucht! -
Hast du die Sorge nie gekannt?*

Faust

*Ich bin nur durch die Welt gerannt!
Ein jed Gelüst ergriff ich bei den Haaren,
Was nicht genügte, ließ ich fahren,
Was mir entwischte, ließ ich ziehn.
Ich habe nur begehrt und nur vollbracht
Und abermals gewünscht und so mit Macht
Mein Leben durchgestürmt: erst groß und mächtig,
Nun aber geht es weise, geht bedächtig.*

Sorge

*Wen ich einmal mir besitze,
Dem ist alle Welt nichts nütze:
Ewiges Düstre steigt herunter,
Sonne geht nicht auf noch unter,
Bei vollkommen äußern Sinnen
Wohnen Finsternisse drinnen,
Und er weiß von allen Schätzen
Sich nicht in Besitz zu setzen.
Glück und Unglück wird zur Grille,
Er verhungert in der Fülle,
Sei es Wonne, sei es Plage,
Schiebt ers zu dem andern Tage,
Ist der Zukunft nur gewärtig,
Und so wird er niemals fertig.*

Faust

*Unselige Gespenster! so behandelt ihr
Das menschliche Geschlecht zu tausend Malen;
Gleichgültige Tage selbst verwandelt ihr
In garstigen Wirrwarr netzumstrickter Qualen.
Dämonen, weiß ich, wird man schwerlich los,
Das geistig-strenge Band ist nicht zu trennen;
Doch deine Macht, o Sorge, schleichend-groß,
Ich werde sie nicht anerkennen!*

Inquietação

Se o ouvido por mim não der,
No peito me faço ouvir;
Formas várias assumindo,
Exerço um poder tremendo.
Nos caminhos, sobre os mares,
Companheira de terrores,
Nunca querida, sempre achada,
Sou temida e detestada –
Não sabes o que é a Inquietação?

Fausto

Corri mundo até agora, mais não,
Sem rejeitar um único prazer:
Largando o que me não bastar,
Deixando ir o que me escapar.
Só desejei, e o que desejei fiz,
Para mais querer, e sem curvar cerviz
Romper pela vida; com magnificência
E poder antes; hoje, tempo e paciência.

Inquietação

Aquele em quem eu me afundo,
De nada lhe serve o mundo;
Vive em treva permanente,
Sem aurora nem poente,
Por fora normal parece,
Dentro dele tudo escurece,
Os maiores tesouros que há,
Frio, ele os desprezará.
Cisma em sorte ou desventura,
Morre à míngua na fartura;
Coisa má ou alegria
Fica sempre para outro dia;
Só no futuro a pensar,
Nunca nada há-de acabar.

Fausto

Pobres espectros! É assim que tratais
Mil e mais vezes a humana geração;
E os dias indiferentes transformais
Numa trama de dor em confusão.
Fugir aos demónios é impossível,
Não se rompe o duro, imaterial laço;
Mas teu poder, grande e imperceptível,
Inquietação, eu não o reconheço.

Sorge

*Erfahre sie, wie ich geschwind
Mich mit Verwünschung von dir wende!
Die Menschen sind im ganzen Leben blind:
Nun, Fauste, werde dus am Ende!
(Sie haucht ihn an)*

Faust (erblindet)

*Die Nacht scheint tiefer tief hereinzudringen,
Allein im Innern leuchtet helles Licht:
Was ich gedacht, ich eil es zu vollbringen;
Des Herren Wort, es gibt allein Gewicht.
Vom Lager auf, ihr Knechte! Mann für Mann!
Laßt glücklich schauen, was ich kühn ersann!
Ergreift das Werkzeug! Schaufel rührt und Spaten!
Das Abgesteckte muß sogleich geraten.
Auf strenges Ordnen, raschen Fleiß
Erfolgt der allerschönste Preis;
Daß sich das größte Werk vollende
Genügt ein Geist für tausend Hände.*

Inquietação

Pois vais senti-lo de seguida,
Deixo-te com a maldição do meu hausto;
Os homens são cegos toda uma vida,
Tu no fim o serás também, Fausto!
(*Sopra-lhe na face*)

Fausto (cego)

Na noite mais profunda mergulhei,
Só na alma brilha a clara luz;
Apresso-me a dar corpo ao que pensei,
Só a voz do amo efeito produz.
Erguei-vos todos, escravos, trabalhai!
Fazei que se veja o que imaginei.
Tomai a ferramenta, enxada, pá!
O planeado tem de ser feito, e já.
A clara ordem, o esforço sem detença,
Merecem a mais bela recompensa;
E se queres consumir a obra ingente,
Para mil braços é bastante uma mente.

6. Faust's Tod

Großer Vorhof des Palasts.
Fackeln.

Mephistopheles (Als Aufseher voran)
Herbei, herbei! Herein, herein!
Ihr schlotternden Lemuren,
Aus Bändern, Sehnen und Gebein
Geflickte Halbnaturen.

Lemuren (Im Chor)
Wir treten dir sogleich zur Hand,
Und wie wir halb vernommen,
Es gilt wohl gar ein weites Land,
Das sollen wir bekommen.
Gespitzte Pfähle, die sind da,
Die Kette lang zum Messen;
Warum an uns den Ruf geschah,
Das haben wir vergessen.

Mephistopheles
Hier gilt kein künstlerisch Bemühn;
Verfahret nur nach eignen Maßen!
Der Längste lege längelang sich hin,
Ihr andern lüftet ringsumher den Rasen;
Wie man's für unsre Väter tat,
Vertieft ein längliches Quadrat!
Aus dem Palast ins enge Haus,
So dumm läuft es am Ende doch hinaus.

Lemuren (Mit neckischen Gebärden grabend)
Wie jung ich war und lebt' und liebt',
Mich deucht, das war wohl süße;
Wo's fröhlich klang und lustig ging,
Da rührten sich meine Füße.
Nun hat das tückische Alter mich
Mit seiner Krücke getroffen;
Ich stolpert' über Grabes Tür,
Warum stand sie just offen!

Faust (Aus dem Palaste tretend, tastet an den
Türpfosten)
Wie das Geklirr der Spaten mich ergötzt!
Es ist die Menge, die mir frönet,
Die Erde mit sich selbst versöhnet,
Den Wellen ihre Grenze setzt,
Das Meer mit strengem Band umzieht.

6. Morte de Fausto

Grande pátio exterior do palácio.
Tochas.

Mefistófeles (à frente, como capataz)
Vinde! Vinde! É aqui a entrada,
Vós, Lémures gelatinosos,
Raça tosca, mal acabada,
Feita de nervos, tendões, ossos.

Lémures (em coro)
Vamos aí dar-te uma mão,
E pelo que temos ouvido
Território de grande amplidão
A nós nos vai ser concedido.
Estacas afiadas já temos,
E a longa fita de medir;
Mas esquecemo-nos, não sabemos
Por que a nós nos foram escolher.

Mefistófeles
Nenhum saber vos é exigido,
A não ser o do próprio corpo;
Deite-se o mais alto ao comprido,
Vós na terra traçai o contorno;
Como faziam nossos pais,
Um quadrado oblongo escavais!
Do palácio para a estreita morada:
Que triste fim para tão longa jornada!

Lémures (cavando, com gestos trocistas)
Em novo vivi e amei,
Tudo tão doce me parecia;
Onde se dançasse e cantasse,
Era sempre para aí que eu ia.
Agora apanhou-me a idade
Com a sua muleta torta;
Tropecei à beira da cova —
Quem a terá deixado aberta?

Fausto (saindo do palácio, apalpa os
umbrais)
Que delícia, este ruído das pás!
E a legião que sustento;
Amolda a terra a seu contento,
Faz ir as águas mais para trás,
Envolve em forte dique o mar.

Mephistopheles (*beiseite*)

*Du bist doch nur für uns bemüht
Mit deinen Dämmen, deinen Bühnen;
Denn du bereitest schon Neptunen,
Dem Wasserteufel, großen Schmaus.
In jeder Art seid ihr verloren; -
Die Elemente sind mit uns verschworen,
Und auf Vernichtung läuft's hinaus.*

Faust

Aufseher!

Mephistopheles

Hier!

Faust

*Wie es auch möglich sei,
Arbeiter schaffe Meng' auf Menge,
Ermuntere durch Genuß und Strenge,
Bezahle, locke, presse bei!
Mit jedem Tage will ich Nachricht haben,
Wie sich verlängert der unternommene Graben.*

Mephistopheles (*halblaut*)

*Man spricht, wie man mir Nachricht gab,
Von keinem Graben, doch vom Grab.*

Mefistófeles (*aparte*)

Só para nós estás a levantar
Os teus diques e os teus cais;
Pois com isto um festim dar vais
A Neptuno, diabo dos mares.
É certa a vossa perdição:
Conjurados connosco estão
Os elementos destruidores.

Fausto

Capataz!

Mefistófeles

— Pronto!

Fausto

— Como puderes,
Contrata-me trabalhadores,
Prende-os com chicote ou favores,
Força-os e paga o que quiseres!
Quero notícias dia a dia, e a tempo,
De como vai a escavação do campo.

Mefistófeles (*a meia voz*)

É campá, não campo, o que aqui se cava,
Era o que inda há pouco alguém me contava.

Faust

*Ein Sumpf zieht am Gebirge hin,
Verpestet alles schon Errungene;
Den faulen Pfuhl auch abzuziehn,
Das Letzte wär' das Höchsterrungene.
Eröffn' ich Räume vielen Millionen,
Nicht sicher zwar, doch tätig-frei zu wohnen.
Grün das Gefilde, fruchtbar; Mensch und Herde
Sogleich behaglich auf der neusten Erde,
Gleich angesiedelt an des Hügels Kraft,
Den aufgewälzt kühn-emsige Völkerschaft.
Im Innern hier ein paradiesisch Land,
Da rase draußen Flut bis auf zum Rand,
Und wie sie nascht, gewaltsam einzuschließen,
Gemeindrang eilt, die Lücke zu verschließen.
Ja! diesem Sinne bin ich ganz ergeben,
Das ist der Weisheit letzter Schluß:
Nur der verdient sich Freiheit wie das Leben,
Der täglich sie erobern muß.
Und so verbringt, umrungen von Gefahr,
Hier Kindheit, Mann und Greis sein tüchtig Jahr.
Solch ein Gewimmel möcht' ich sehn,
Auf freiem Grund mit freiem Volke stehn.
Zum Augenblicke dürft' ich sagen:
Verweile doch, du bist so schön!
Es kann die Spur von meinen Erdetagen
Nicht in äonen untergehn. -
Im Vorgefühl von solchem hohen Glück
Genieß' ich jetzt den höchsten Augenblick.*

(Faust sinkt zurück, die Lemuren fassen ihn auf und legen ihn auf den Boden)

Mephistopheles

*Ihn sättigt keine Lust, ihm gnügt kein Glück,
So buhlt er fort nach wechselnden Gestalten;
Den letzten, schlechten, leeren Augenblick,
Der Arme wünscht ihn festzuhalten.
Der mir so kräftig widerstand,
Die Zeit wird Herr, der Greis hier liegt im Sand.
Die Uhr steht still -*

Chor

*Steht still! Sie schweigt wie Mitternacht.
Der Zeiger fällt.*

Mephistopheles

Er fällt, es ist vollbracht.

Fausto

Há um pântano aos pés do monte,
Empesta o conquistado espaço;
Drenar o charco é importante,
A última grande obra que faço.
A muitos milhões abro espaço e esperança
De viver livres, se não em segurança.
Campos verdes, férteis; homens, rebanho,
Logo felizes em nova terra ponho,
Bem instalados na encosta do outeiro
Que erguer soube, enérgico, um povo inteiro.
Cá dentro é um paraíso a terra nossa;
Que suba lá fora a maré furiosa,
E se, violenta, tentar abrir brecha,
Em comum esforço acorrem o povo e a fecha.
Esta é a ideia que havemos de aceitar,
Esta é do sábio a suprema verdade:
Só quem dia após dia a conquistar
Merece a vida e a sua liberdade.
E assim passam, em perigos sobre-humanos,
Crianças, homens, velhos, duros anos.
Visse eu esse bulício efervescente,
Para solo livre pisar com livre gente!
A um momento tal então diria:
Suspende-te, tu que és tão belo!
O rasto dos trabalhos e dos dias,
Nem eternidades podem apagá-lo. —
No antegozo de tão feliz evento
Desfruto agora do supremo momento.

Fausto cai para trás, os Lémures pegam nele e deitam-no no chão.

Mefistófeles

Nem prazeres nem fortuna o faz contente,
Sempre atrás de miragens a correr;
O derradeiro, oco, insípido instante —
É esse que ele quer reter.
Tanta resistência me opôs,
Mas o tempo venceu, e ora aqui jaz.
Pára o tempo —

Coro

Cai o ponteiro.

Mefistófeles

— Pára! À meia-noite calado.
— Cai, tudo está consumado.

Transfiguração de Fausto

*Bergschluchten
Wald, Fels, Einöde.
Heilige Anachoreten gebirgauf verteilt, gelagert
zwischen Klüften.*

1. Coro, Echo

*Waldung, sie schwankt heran,
Felsen, sie lasten dran,
Wurzeln, sie klammern an,
Stamm dicht an Stamm hinan,
Woge nach Woge spritzt,
Höhle, die tiefste, schützt,
Löwen, sie schleichen stumm,
Freundlich um uns herum,
Ehren geweihten Ort,
Heiligen Liebeshort.*

2. Pater Ecstaticus (auf und ab schwebend)

*Ewiger Wonnebrand,
Glühendes Liebesband,
Siedender Schmerz der Brust,
Schäumende Gotteslust.
Pfeile, durchdringet mich,
Lanzen, bezwinget mich,
Keulen, zerschmettert mich,
Blitze, durchwettert mich,
Daß ja das Nichtige
Alles verflüchtige,
Glänze der Dauerstern,
Ewiger Liebe Kern!*

*Desfiladeiros, floresta, penhascos
Região deserta.
Santos Anacoretas, distribuídos pela montanha acima,
entre os precipícios.*

1. Coro e Eco

*Florestas ondeando,
Os rochedos pesando,
Raízes agarrando,
Tronco a tronco subindo.
Uma a uma, onda espuma,
Caverna envolta em bruma,
Passa o leão calado
E manso a nosso lado,
Honra ao lugar sagrado,
A santo amor votado.*

2. Pater Ecstaticus (subindo e descendo no ar)

*Gozo eterno e ardente,
Laço de amor vibrante,
Coração-dor veemente,
Deus-prazer transbordante.
Oh, setas, macerai-me!
Oh, lanças, trespassai-me!
Oh, clavas, esmagai-me!
Oh, raios, apagai-me!
Para que cesse o que é nada
E em pó se degrada,
E em eterno fulgor
Brilhe a estrela do amor.*

3. Pater Profundus (tiefe Region)

Wie Felsenabgrund mir zu Füßen
Auf tiefem Abgrund lastend ruht,
Wie tausend Bäche strahlend fließen
Zum grausen Sturz des Schaums der Flut,
Wie strack, mit eig'nem kräft'gen Triebe,
Der Stamm sich in die Lüfte tragt;
So ist es die allmächt'ge Liebe,
Die alles bildet, alles hegt.
Ist um mich her ein wildes Brausen,
Als wogte Wald und Felsengrund!
Und doch stürzt, liebevoll im Sausen,
Die Wasserfülle sich zum Schlund,
Berufen, gleich das Tal zu wässern;
Der Blitz, der flammend niederschlug,
Die Atmosphäre zu verbessern,
Die Gift und Dunst im Busen trug;
Sind Liebesboten, sie verkünden,
Was ewig schaffend uns umwallt.
Mein Inn'res mög' es auch entzünden,
Wo sich der Geist, verworren, kalt,
Verquält in stumpfer Sinne Schranken,
Scharf angeschloss'nem Kettenschmerz.
O Gott! beschwichtige die Gedanken,
Erleuchte mein bedürftig Herz!

Pater Seraphicus (mittlere Region)

Welch ein Morgenwölkchen schwebet
Durch der Tannen schwankend Haar!
Ahn'ich, was im Innern lebet?
Es ist junge Geisterschar.

Chor Seliger Knaben

Sag uns, Vater, wo wir wallen,
Sag uns, Guter, wer wir sind?
Glücklich sind wir: allen, allen
Ist das Dasein so gelind.

3. Pater Profundus (região profunda)

Como os abismos a meus pés
Noutros mais fundos estão assentes,
Como os ribeiros que correr vês
Espumam nas quedas das torrentes,
Como o tronco com seu possante
Impulso sobe na atmosfera:
Assim é o amor onipotente
Que tudo forma e tudo gera.
À minha volta oiço um fragor,
São como vagas bosque e penha,
Contudo, é só o marulhar
Manso de água que se despenha,
Chamada a fecundar o vale;
O raio que em chamas se abateu
Veio limpar o ar, afinal,
Que de vapores letais se encheu —
São mensageiros de amor, a voz
Do eterno agir da natureza.
Se o meu espírito, em seu atroz
Sofrimento, turva frieza,
Inflamado fosse, e a dor
Dos sentidos, escura prisão!
Vem, Deus, a mente apaziguar,
Iluminar-me o coração!

Pater Seraphicus (região intermédia)

Nuvem matutina vem
Pelos abetos a ondular!
Já pressinto o que contém:
Jovens almas devem ser.

Coro dos Meninos Bem-Aventurados

Diz-nos, Pai, onde voamos,
Diz-nos qual é nossa essência.
Felizes somos: achamos
Tão doce a nossa existência!

Pater Seraphicus

*Knaben! Mitternachts Geborne,
Halb erschlossen Geist und Sinn,
Für die Eltern gleich Verlorne,
Für die Engel zum Gewinn.
Daß ein Liebender zugegen,
Fühlt ihr wohl, so naht euch nur;
Doch von schroffen Erdewegen,
Glückliche! habt ihr keine Spur.
Steigt herab in meiner Augen
Welt – und erdgemäÙ Organ,
Könnt sie als die euern brauchen,
Schaut euch diese Gegend an!*

(Er nimmt sie in sich)

*Das sind Bäume, das sind Felsen,
Wasserstrom, der abestürzt
Und mit ungeheurem Wälzen
Sich den steilen Weg verkürzt.*

Selige Knaben *(von innen)*

*Das ist mächtig anzuschauen,
Doch zu düster ist der Ort,
Schüttelt uns mit Schreck und Grauen.
Edlere, Guter, laÙ uns fort!*

Pater Seraphicus

*Steigt hinan zu höherem Kreise,
Wachset immer unvermerkt,
Wie, nach ewig reiner Weise,
Gottes Gegenwart verstärkt.
Denn das ist der Geister Nahrung,
Die im freisten Äther waltet:
Ewigen Liebens Offenbarung,
Die zur Seligkeit entfaltet.*

Chor Seliger Knaben

*(um die höchsten Gipfel kreisend)
Hände verschlinget
Euch freudig zum Ringverein!
Regt euch und singet
Heil'ge Gefühle drein!
Göttlich belehret,
Dürft ihr vertrauen:
Den ihr verehret,
Werdet ihr schauen.*

Pater Seraphicus

*À meia-noite nascidos,
Meio despertas alma e mente,
Para os pais logo perdidos,
Ganho para os celestes entes.
Sentis perto alguém que amou,
Estou certo. Vinde até mim!
Mas não sabeis por onde andou
No mundo, e é melhor assim!
Vinde em meus olhos entrar,
Órgãos mundanos, terrenos;
Deles vos podeis servir
Para ver o lugar, ao menos.*

(Recebe-os em si)

*São árvores, é um penedo,
Torrente que se desvia
E em queda livre, sem medo,
O seu caminho abrevia.*

Meninos Bem-Aventurados *(de dentro)*

*É imponente, grandioso,
Mas sombrio, este lugar.
Mete-nos medo! Bondoso
Santo, deixa-nos voar!*

Pater Seraphicus

*Subi a esfera mais alta,
E pouco a pouco cresci;
É aí que Deus mais se exalta,
É a eterna e pura lei.
É dos espíritos o pão
Que o mais claro éter governa,
Deus-Amor, revelação
Que nos leva à vida eterna.*

Coro dos Meninos Bem-Aventurados

*(pairando à volta dos cumes mais elevados)
Dai-vos as mãos
Em roda nos ares,
Entoai, irmãos,
Sagrados cantares!
Por Deus guiados,
Confiar podeis;
Vereis, extasiados,
O que adorais.*

4. Engel (*schwebend in der höheren Atmosphäre, Faustens Unsterbliches tragend*)
Gerettet ist das edle Glied
Der Geisterwelt vom Bösen:
Wer immer strebend sich bemüht,
Den können wir erlösen;
Und hat an ihm die Liebe gar
Von oben teilgenommen,
Begegnet ihm die sel'ge Schar
Mit herzlichem Willkommen.

Die Jüngerer Engel

Jene Rosen, aus den Händen
Liebend heil'ger Bürbrinnen,
Halfen uns den Sieg gewinnen
Und das hohe Werk vollenden,
Diesen Seelenschatz erbeuten,
Böse wichen, als wir streuten,
Teufel flohen, als wir trafen.
Statt gewohnter Höllenstrafen
Fühlten Liebesqual die Geister;
Selbst der alte Satans Meister
War von spitzer Pein durchdrungen.
Jauchzet auf! Es ist gelungen.

Die Vollendeteren Engel

Uns bleibt ein Erdenrest
Zu tragen peinlich,
Und wär er von Asbest,
Er ist nicht reinlich.
Wenn starke Geisteskraft
Die Elemente
An sich herangerafft,
Kein Engel trennte
Geeinte Zwiennatur
Der innigen beiden;
Die ewige Liebe nur
Vermag's zu scheiden.

4. Anjos (*voando na atmosfera mais elevada, e transportando a alma de Fausto*)
Das garras do mal elevamos
Esta alma a nobre esfera,
Pois só àquele redenção damos
Que em esforço persevera.
E se nele o supremo amor
Uma parte tiver,
Os santos com fraterno ardor
O irmão receber.

Os Anjos Mais Novos

Por penitentes espalhadas,
Aqueles folhas de rosa
Foram ajuda preciosa
Para a vitória, e consumada
Foi a obra: a alma ganhámos.
Os maus, quando as lançámos,
Recuaram; os diabos fugiram
E o espinho do amor sentiram
Em vez do fogo infernal;
E até o Satã principal
Com suas setas ferimos.
Jubilai, pois conseguimos!

Os Anjos Mais Perfeitos

Temos da terra um resto
Penoso aqui;
Nem que fosse de asbesto,
Puro não é.
Se espírito potente
Assimilou
A si os elementos,
Nunca anjo separou
O uno e íntimo par,
A dupla metade
Que só o eterno amor
Dividir pode.

Die Jüngerer Engel

*Ich spür' soeben,
Nebelnd um Felsenhöh',
Ein Geisterleben,
Regend sich in der Näh'.
Seliger Knaben
Seh' ich bewegte Schar,
Los von der Erde Druck.
Im Kreis gesellt,
Die sich erlaben
Am neuen Lenz und Schmuck
Der obern Welt.
Sei er zum Anbeginn,
Steigendem Vollgewinn,
Diesen gesellt!*

Chor Seliger Knaben

*Freudig empfangen wir
Diesen im Puppenstand:
Also erlangen wir
Englisches Unterpfind.
Löset die Flocken los,
Die ihn umgeben!
Schon ist er schön und groß
Von heiligem Leben.*

Os Anjos Mais Novos

[Há nevoeiro cerrado
Lá nas alturas;
Perto, o ar agitado
Com formas puras.
Faz-se um clarão,
Vejo a legião
Dos inocentes]
Livres da dor terrena,
Roda fazendo
Juntos, contentes
Com a luz amena
Do nosso mundo.
Eles iniciarão
As fases de ascensão
Deste defunto.

Os Meninos Bem-Aventurados

Com gáudio o recebemos
Em estado de crisálida;
E dos anjos obtemos
Uma fiança válida;
Soltai o véu que encobre
A sua essência;
Grande e belo já sobe
Em santa existência.

5. Doctor Marianus (*in der höchsten, reinlichsten Zelle*)

*Hier ist die Aussicht frei,
Der Geist erhoben.
Dort ziehen Frauen vorbei,
Schwebend nach oben;
Die Herrliche mittenin
Im Sternenkranze,
Die Himmelskönigin,
Ich seh's am Glanze!
(Entzückt)
Höchste Herrscherin der Welt,
Laß mich im blauen
Ausgespannten Himmelszelt
Dein Geheimnis schauen!
Bill'ge, was des Mannes Brust
Ernst und zart beweget
Und mit heil'ger Liebeslust
Dir entgegen trägt!
Unbezwänglich unser Mut,
Wenn du hehr gebietest;
Plötzlich mildert sich die Glut,
Wenn du uns befriedest.
Jungfrau, rein im schönsten Sinne,
Mutter, Ehren würdig,
Uns erwählte Königin,
Göttern ebenbürtig.
Um sie verschlingen
Sich leichte Wölkchen,
Sind Büberinnen,
Ein zartes Völkchen,
Um Ihre Kniee
Den Äther schlüpfend,
Gnade bedürftend.*

6. Dir, der Unberührbaren,
*Ist es nicht benommen,
Daß die leicht Verführbaren
Traulich zu dir kommen.
In die Schwachheit hingerafft,
Sind sie schwer zu retten.
Wer zerreißt aus eig'ner Kraft
Der Gelüste Ketten?
Wie entgleitet schnell der Fuß
Schiefer, glattem Boden?
Wen betört nicht Blick und Gruß,
Schmeichelhafter Odem?*

Mater gloriosa schwebt einher.

5. Doctor Marianus (*na mais pura e elevada cela*)

[A vista é livre aqui,
O espírito elevado.
Vejo mulheres ali
Ao céu subindo.
No meio delas se adivinha,
De estrelas coroada,
Dos céus a rainha,
Pelo brilho revelada.]
(*Extasiado*)
Excelsa senhora do mundo,
Deixa-me no ar,
No céu tão azul e fundo,
Teu mistério olhar!
Aceita este coração
Que te estremece,
E com sacrossanta paixão
A ti se oferece.
Invencível o vigor
Quando tu ordenas;
Mas acalma-se o ardor
Quando nos serenas.
[Virgem pura e imaculada,
Mãe que veneramos,
Rainha por nós amada
Que aos deuses igualamos.]
[Passam correntes
De nuvens leves,
São penitentes,
Almas suaves
Que a seus pés estão,
Sorvem o éter,
Pedem perdão.]

6. A ti, a intocável,
Não está vedado
Que o mais vulnerável
Se ponha a teu lado.
Difícil nos é salvá-lo
Da própria fraqueza;
Quem resiste ao apelo
Da impureza?
É fácil escorregar
Em chão liso e traiçoeiro.
Quem não cede a um olhar,
A um sussurro fagueiro?

A Mater Gloriosa chega, flutuando no ar.

Büsserinnen, Una Poenitentium

*Du schwebst zu Höhen
Der ewigen Reiche,
Vernimm das Flehen,
Du Gnadenreiche!
Du Ohnegleiche!*

Magna Peccatrix (St. Lucae, VII, 36.)

*Bei der Liebe, die den Füßen
Deines gottverklärten Sohnes
Tränen ließ zum Balsam fließen;
Trotz des Pharisäer Hohnes;
Beim Gefäße, das so reichlich
Tropfte Wohlgeruch hernieder;
Bei den Locken, die so weichlich
Trockneten die heil'gen Glieder –*

Mulier Samaritana (St. Joh. IV.)

*Bei dem Bronn, zu dem schon weiland
Abram ließ die Herde führen;
Bei dem Eimer, der dem Heiland
Kühl die Lippe durft' berühren;
Bei der reinen, reichen Quelle,
Die nun dorthier sich ergießet,
Überflüssig, ewig helle,
Rings durch alle Welten fließt –*

Maria Aegyptiaca (Acta Sanctorum)

*Bei dem hochgeweihten Orte,
Wo den Herrn man niederließ;
Bei dem Arm, der Von der Pforte,
Warnend mich zurücke stieß;
Bei der vierzigjahr'gen Buße,
Der ich treu in Wüsten blieb;
Bei dem sel'gen Scheidegrube,
Den im Sand ich niederschrieb –*

Zu Drei

*Die du großen Sünderinnen
Deine Nähe nicht verweigerst.
Und ein büßendes Gewinnen
In die Ewigkeiten steigerst,
Gönn' auch dieser guten Seele.
Die sich einmal nur vergessen.
Die nicht ahnte, daß sie fehle,
Dein Verzeihen angemessen!*

Coro das Penitentes

Sobes à origem
Da eterna esperança,
Ouve-nos, Virgem
Que nada alcança
Cheia de graça!

Magna Peccatrix (S. Lucas, VII, 36)

Pelo amor que os pés divinos
De teu filho, o Homem-Deus,
Banhou em bálsamos finos,
Enfrentando os Fariseus;
Pelo vaso generoso
Cujo unguento os perfumou,
Pelo cabelo sedoso
Que os santos membros secou –

Mulier Samaritana (S. João, IV)

Pela fonte a que Abraão
Levava o gado a beber,
Pela concha que levou
Aos lábios o Salvador;
Pela nascente de água pura
Que agora ali dessedenta,
Em abundância perdura
E o universo alimenta –

Maria Aegyptiaca (Acta Sanctorum)

Pela campa consagrada
Que o Seu corpo recebeu,
Pelo braço que à entrada
O acesso me vedou;
Pelos anos de sofrimento
Que no deserto passei,
Pelo adeus e arrependimento
Que à areia confiei –

A Três

Tu, que às grandes pecadoras
Não recusas tua visão,
E à vida eterna alcandoras
Quem fez sua contrição,
Concede a esta alma boa,
Que pecou só uma vez
E da falta não sabia,
Teu perdão, tuas mercês!

Una Poenitentium (sonst Gretchen genannt.)

Sich anschmiegend)

Neige, neige,

Du Ohnegleiche,

Du Strahlenreiche,

Dein Antlitz gnädig meinem Glück!

Der früh Geliebte,

Nicht mehr Getrübte,

Er kommt zurück.

Chor Seliger Knaben (in Kreisbewegung
sich nähernd)

Er überwächst uns schon

An mächt'gen Gliedern.

Wird treuer Pflege Lohn

Reichlich erwidern.

Wir wurden früh entfernt

Von Lebechören.

Doch dieser hat gelernt:

Er wird uns lehren.

Er überwächst uns schon, usw.

Una Oenitentium (sonst Gretchen genannt)

Vom edlen Geisterchor umgeben,

Wird sich der Neue kaum gewahr,

Er ahnet kaum das frische Leben,

So gleicht er schon der heil'gen Schar.

Sieh, wie er jedem Erdenbände

Der alten Hülle sich entrafft,

Und aus ätherischem Gewande

Hervortritt erste Jugendkraft!

Vergönne mir, ihn zu belehren,

Noch blendet ihn der neue Tag.

Mater Gloriosa

Komm! Hebe dich zu höhern Sphären!

Wenn er dich ahnet, folgt er nach.

Una Poenitentium (antes chamada Margarida,
chegando-se a ela)

Inclina, inclina,

Oh, Mãe divina,

Luz que ilumina,

Teu olhar, muda a minha sorte!

O meu amado,

Purificado,

Furta-se à morte.

Meninos Bem-Aventurados (aproximando-se
com movimentos circulares)

Ele suplanta já

Nossa estatura,

E recompensará

Amor e cura.

Nenhum de nós chegou

A vida a amar;

Mas este, que a viveu,

Vai-nos ensinar.

A Mesma Penitente (antes chamada Margarida)

Pelo coro dos espíritos cercado,

Nem sabe o noviço onde está,

Mal presente o seu novo estado,

Tão igual aos outros é já.

Vê como deixa já para trás

A capa de terrena vaidade,

E da etérea roupagem faz

Fonte de fresca mocidade.

Deixa-me ser seu guia agora,

Temo que a nova luz o cegue.

Mater Gloriosa

Vem, ascende à mais alta esfera,

Mal te pressinta, logo te segue.

Doctor Marianus, Chor (*auf dem Angesicht anbetend*)

*Blicket auf zum Retterblick,
Alle reuig Zarten,
Euch zu sel'gem Glück
Dankend umzuarten!
Werde jeder beß're Sinn
Dir zum Dienst erbötig;
Jungfrau, Mutter, Königin,
Göttin, bleibe gnädig!*

7. Chorus Mysticus

*Alles Vergängliche
Ist nur ein Gleichnis;
Das Unzulängliche,
Hier wird's Ereignis;
Das Unbeschreibliche.
Hier ist's getan;
Das Ewig Weibliche
Zieht uns hinan.*

Doctor Marianus (*orando prostrado*)

Contemplai, vós, penitentes,
O olhar salvador;
Renascereis, novos entes,
Para eterno prazer.
Quem em tua luz caminha,
Serve-te em humildade;
Virgem, Mãe, Deusa, Rainha,
Tem de nós piedade!

7. Chorus Mysticus

Tudo o que passa
É símbolo só;
O que não se alcança
Em corpo aqui está;
O indescritível
Realiza-se aqui;
O Eterno-Feminino
Atrai-nos para si.





Com o encerramento ao público do Teatro Nacional de São Carlos para obras de Conservação e Restauro, Requalificação e Modernização no âmbito do PRR — Plano de Recuperação e Resiliência, a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos sobem a outros palcos nacionais: uma viagem musical que percorrerá o país ao longo dos próximos meses, com a ambição e o rigor de sempre, e o objetivo de divulgar a música, a ópera e o património musical português.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO OPART

Conceição Amaral · *Presidente*

Rui Morais · *Vogal*

Sofia Menezes · *Vogal*

COMISSÃO ARTÍSTICA DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Maestro João Paulo Santos · *Coordenação*

Maestro Antonio Pirolli

Maestro Giampaolo Vessella

São Carlos em *andamento*



© CARLOS PINTO

BRAGA · VILA REAL · CALDAS DA RAINHA
ALTER DO CHÃO · CASCAIS · QUELUZ · LISBOA
ALMADA · ÉVORA · FARO

DE JANEIRO A ABRIL

 REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

 ANTENA 2

idealista

 HORTO
DO CAMPO GRANDE